

é parir nestas
terças-feiras
uma espécie
de dias
do avesso
mesmo sublime
entre a beleza,
a leveza e
o baixo carnal,
o gozo de viver

fernando mora ramos

escutar o som
das palavras
directamente
sai da boca
de quem
as escreveu

henrique manuel bento fialho

a poesia
é o teatro vêm
do mesmo ritual

Diga 33, poesia no teatro, às terças terças-feiras de cada mês, é o nome deste conjunto de colóquios animado por um sempre diverso coro de corifeus, com o Henrique Fialho a contramestre.

O teatro será anterior à poesia se dissermos que no princípio era o gesto — e o gesto será anterior à imagem, a consciência dela, e certamente ao hieróglifo. O gesto surge com o corpo e uma linguagem é-lhe posterior. Isto se ignorarmos a dimensão verbal do gesto. Mas sem o verbo o gesto é uma sinalética. Só a dança e o teatro contemporâneos — e a poesia, desde sempre dada à desregra —, menos vidrados em contrariar a gravidade com pontas segundo uma codificação própria, nos libertam para ler o que nas cenas se move com olhos reinventados pelo próprio imprevisto da escrita, um vocabulário que nos realfabetiza pois nos apanha descalços, sem saber ler mesmo sabendo — não falo de aldrabices, falo de invenção. A poesia e o teatro vêm do mesmo ritual. A festa que gera o teatro tinha cânticos, ditirambo (odes), coros e dança. Dança mais poesia coral igual a representação, de uns para os outros — não existiam espectadores, iam arrastados na torrente, por certo —, a celebração é a de um em comum fora das normas. O teatro foi sendo esse contentor que junta “disciplinas” em busca de uma estrutura sempre renovada e sempre investida na génese, esse modo grego de ser, mas no princípio era festa. A festa é anterior a qualquer codificação estrita, liberdade única tribal, colectiva, sem formatação disciplinar. A poesia é teatro, o teatro é poesia. Desligá-los teve a ver com a estruturação da sociedade em classes, com papéis sociais, funções, separação entre simples e intelectuais.

Ao convidar o Henrique a elaborar este programa quisemos juntar tudo: a necessidade de li-

bertar os ouvidos do excesso de imagens que os olhos lhes impuseram, a possibilidade de viajar no tempo até um antes do livro num momento em que o livro está em causa, o privilégio de conhecer o que se escreve hoje, entre nós, e como se escreve e publica, o prazer a partilhar de falar de ler poesia e da necessidade de encontrar espaços de um comum para o fazer, quisemos portanto realizar nestas terças terças-feiras propostas uma viagem às paisagens do impossível, pois será apenas nessas que a verdadeira celebração da nossa vocação como humanos — sapiens sapiens sapiens (e a importância de que isso se reveste com este ataque do pré-neandertal trumpismo) — poderá acontecer. Acreditamos, porque somos fazedores de imagens imprevistas por destino de opção — sonoras, auditivas e tácteis — que será por aqui que poderemos encontrar uma sociedade radicalmente nova.

A poesia é uma inspiração para o teatro, uma libertação do teatro, particularmente do teatro das entoações havidas. A convenção quando se torna polícia reprime e mata, quando é liberdade de um comum aceite pelo comum liberta.

Hoje a “agenda” é esta, a nossa esperança é parir nestas terças terças-feiras de cada mês uma espécie de dias do avesso — mesmo sublime — entre a beleza, a leveza e o baixo carnal, o gozo de viver, já que o corpo nunca se esquece em quem habita e quando é o caso está lá para dizer que existe. Dias de concentração e festa sem festival, de teatro sem espectáculo. Nas costas do mundo que aí está para conspirar de modo cúmplice, tecer cumplicidades. Em rede, como na guerrilha.

E como dizia um mestre, dias de momentos de um silêncio partilhado intimamente em assembleia, politicamente.

fernando mora ramos

henrique
manuel
bento fialho
nuno moura
joão paulo
estes
da silva
paulo
da costa
domingos
manuel d.
domingos
carlos
alberto
machado
miguel-manso
pedro mexia
miguel de
carvalho
rui costa

DIGA 33
poesia no teatro
às terças terças-feiras
de cada mês

Programa elaborado por
HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO

helena vieira
m. parissu
jaime rocha

Por onde anda a poesia? quem são os poetas do nosso tempo? e quem a escreveu

HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO

(n. 1974) Publicou os livros *Entre o dia e a noite há sempre um sol que se põe* (2000), *Antologia do Esquecimento* (2003), *Estórias Domésticas & Outros Problemas* (2006), *O Meu Cinzeiro Azul* (2007), *Estranhas Criaturas* (2010), *A Dança das Feridas* (2011), *Rogil* (2012), *Suicidas* (2013), *Estação 2012* (2014), *Call Center* (2014), *A Quatro Mãos* (2014) e *A Grua* (2017). Prefaciou vários livros, entre os quais a *Primeira Antologia de Micro-Ficção Portuguesa* (2008) e a antologia bilingue *De La Saudade a la Magua — Antologia de relatos luso-canária* (2009). Está representado em diversas antologias de poesia e conto publicadas em Portugal, Brasil, Espanha e Marrocos, tendo colaborado igualmente com textos ensaísticos, poemas e ficções vindos a lume em variadíssimas publicações colectivas: *Aullido* (n.º 5), *Saudade* (n.º 9, n.º 10), *Entre o vivo, o não-vivo e o morto* (n.º 3), *Callema* (n.º 4, n.º 7), *Sítio* (n.º 6), *Big Ode* (n.º 2, n.º 3, n.º 4, n.º 5, n.º 7, n.º 8), *Non Nova Sed Nove*, *Golpe d'Asa* (n.º 2), *Sulscrito* (n.º 1, n.º 3, n.º 4), *Piolho* (n.º 7, n.º 13), *Três Três* (n.º 4), *Postas de Pescada* (n.º 4), *Submarino* (n.º 1), *Cão Celeste* (n.º 10), *Estúpida* (n.º 5). Traduziu poemas do poeta chileno Nicanor Parra e da poeta argentina Alejandra Pizarnik para a revista *Di Versos — Poesia e Tradução* (n.º 12 e n.º 25). Prefaciou e seleccionou os textos do poeta brasileiro Augusto dos Anjos para o volume *Doutor Tristeza* (2015). Textos seus foram traduzidos para árabe, castelhano e italiano.

É autor do weblog “Antologia do Esquecimento” (<http://universosdesfeitos-insonia.blogspot.com/>).

ÀS TERÇAS NO TEATRO

Por onde anda a poesia? Quem a escreve? Quem a publica? Quem a lê? Quem são os poetas do nosso tempo? Terá a poesia leitores? Que motivações alimentam os editores de poesia?

A ideia de organizar um ciclo de poesia no Teatro da Rainha surgiu de uma vontade de explorar territórios pouco explorados, fazer-lhes o reconhecimento e dá-los a conhecer. Propõe-se, numa fase inicial, uma digressão pela poesia contemporânea portuguesa. Queremos ouvir poetas e editores, queremos tentar perceber como mantêm viva a chama de Orfeu numa época em que a vertigem de imagens parece deixar pouco espaço à palavra.

Condenada à morte por uns, odiada por outros, a poesia foi desde sempre uma arte controversa. Talvez hoje o seja ainda mais, pelo carácter de resistência de que se faz valer. Resistência ao imediatismo, resistência ao mediatismo, resistência ao espectáculo, entendido não como transfiguração, expressão, representação, mas antes como mera exibição de luzes capazes de levar à cegueira.

Avessa ao deslumbramento, a poesia espanta, subverte, baralha, desconstrói, a poesia exige daquele a quem se dirige uma predisposição para aceitar o diverso. Ora, estaremos ainda dispostos a aceitar o diverso? Como conciliar tamanha exigência com o quotidiano reducionista das redes sociais? Como manter no pensamento níveis de exigência constantemente traídos pela infantilização social?

O espaço teatral surge-nos, pois, como um espaço privilegiado para a exploração do território poético. Também hoje o teatro nos surge enquanto modo de resistência. Com a poesia, ele partilha a inquietação e o fingimento de que falava Pessoa. Um fingimento que é a dimensão mais profunda da verdade. O actor, tal como o poeta, vê aparecer a manhã sobre a cama. Citamos Herberto, que foi poeta, que foi actor.

Não nos move qualquer veleidade do conhecimento. Sabemos que muitas das perguntas a que tentaremos responder não têm resposta. Não têm, pelo menos, uma resposta definitiva. Mas sabemos também que nunca o infinito foi impedimento à caminhada. Queremos ouvir quem insiste na caminhada, perceber em que direcções seguem os passos de quem caminha, queremos escutar o som das palavras directamente saídas da boca de quem as escreveu.

Uma vez por mês, à terceira terça-feira de cada mês, teremos um poeta e um editor de poesia, ou alguém que seja ambas as coisas, ou alguém que, não sendo nenhuma delas, insista em escrever como se fosse poeta e em publicar como se fosse editor. Privilegiaremos o contacto directo e informal através da conversa, do diálogo, da partilha de histórias e, sobretudo, da escuta de poemas. Porque a escrita e a escuta, articuladas uma com a outra, veiculam a aprendizagem. Ao cabo, outra coisa não pretendemos que não seja aprender.

HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO

INFORMAÇÕES:

262 823 302 | 966 186 871
www.teatro-da-rainha.com
comunicacao@teatro-da-rainha.com

Companhia financiada por:



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA



DIRECÇÃO-GERAL
DAS ARTES



CALDAS DA RAINHA
Câmara Municipal

- 1 16 DE JANEIRO**
NUNO MOURA
autor e editor nas editoras Mia Soave e Douda Correria
JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA
músico, autor, tradutor
- 2 20 DE FEVEREIRO**
PAULO DA COSTA DOMINGOS
autor e editor na Frenesi
- 3 20 DE MARÇO**
manuel a. domingos
autor e editor na Medula
- 4 17 DE ABRIL**
CARLOS ALBERTO MACHADO
autor e editor na Companhia das Ilhas
- 5 15 DE MAIO**
MIGUEL-MANSO
autor
PEDRO MEXIA
autor, crítico, coordenador da colecção de poesia da Tinta-da-China
- 6 19 DE JUNHO**
MIGUEL DE CARVALHO
autor, livreiro antiquário, editor na Debout Sur L' Oeuf
- 7 17 DE JULHO**
Sessão de homenagem a
RUI COSTA
com a presença de
ANDRÉ CORRÊA DE SÁ
MARGARIDA VALE DE GATO
CLÁUDIA SOUTO e de
VASCO DAVID
editor na Assírio & Alvim
- 8 18 DE SETEMBRO**
HELENA VIEIRA
editora na Mariposa Azul, organizadora da antologia “Voo Rasante”
- 9 16 DE OUTUBRO**
m. parissy
autor e editor na volta d'mar
JAIME ROCHA
autor
- 10 20 DE NOVEMBRO**
Recital
- 11 18 DE DEZEMBRO**
VENTILAN concerto de Natal